



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14266 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

Educar para viver em plenitude

Reinaldo Matias Fleuri - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

Educar para viver em plenitude

Resumo

O sistema mundo moderno colonial está gerando impasses globais, como os riscos iminentes de colapso ambiental, guerra nuclear e erosão das democracias. Simultaneamente, a crise da modernidade está sendo agudizada pelas lutas dos múltiplos movimentos populares, que estão promovendo a reexistência de seus modos de ser e de viver, constitutivos de sabedorias e relações de poder ancestrais. A tensão entre modernidade e ancestralidade problematiza as múltiplas fronteiras singulares que separam não somente corpos e raças, mas delimitam rupturas e trocas culturais nos espaços cognitivos, intelectuais, culturais, sociais, ecossistêmicos. Os povos originários – representados por movimentos indígenas, quilombolas, de povos tradicionais, entre tantos outros – rompem os estigmas e jugos coloniais, que os têm colocado na posição socialmente passiva, subalterna, marginal, e assumem o protagonismo na reconstrução do tecido social com base em princípios ancestrais de vida em plenitude.

Ao se enunciar princípios ancestrais do Bem Viver, ou Vida em Plenitude, evidencia-se o problema constituído pela contradição emergente entre a modernidade e a ancestralidade, que se configuram na oposição entre a colonialidade e o Bem Viver. Neste contexto, podemos compreender as implicações do Bem Viver para ressignificar concepções de educação popular, como a que foi enunciada por Paulo Freire.

Palavras Chaves: Educação, ancestralidade, Bem Viver, modernidade, colonialidade.

O que significa Bem Viver

No contexto contemporâneo, o sistema-mundo moderno colonial se encontra em profunda crise, justamente porque suas maiores expressões de poder (militar, econômico e político) estão conduzindo inexoravelmente a riscos fatais para a humanidade e para o equilíbrio vital em nosso planeta. Tais como os riscos que Noam Chomsky (apud EATON, 2020) tem denunciado: a iminência de uma guerra nuclear e do colapso ambiental, acelerada pela intencional erosão das democracias, agenciada por corporações multinacionais capitalistas, mediante complexas estratégias neocoloniais.

Ao mesmo tempo, estamos compartilhando no Brasil acontecimentos políticos promotores de união e reconstrução democrática, com participação significativa de movimentos populares promovidos pelos povos originários, sejam indígenas, quilombolas, tradicionais, assim como pelos diferentes movimentos sociais decoloniais que combatem o racismo, o sexismo, o especismo, o patriarcalismo, o capitalismo, resistindo a práticas sociais genocidas, epistemicidas, etnicidas, gnoscidas, ecocidas. Tais movimentos populares, para além da resistência anticolonial, expressam potentes processos de reexistência de seus modos ancestrais de viver e de ser no mundo, que nutrem lógicas complexas de saber e estratégias sustentáveis de relações de poder. É o que chamamos de Bem Viver.

Airton Krenak nos lembra que a origem da concepção do Bem Viver “chegou para a maior parte de nós, aqui no Brasil, [...], fazendo referência a uma prática ancestral dos (...) nossos parentes Quechua, Aymara” (KRENAK, 2020, p. 6).

Catherine Walsh (2009) e Luis Macas (2014), entre outros intelectuais orgânicos aos povos andinos Quechua e Aymara, resumem a concepção do Bem Viverem quatro princípios.

O princípio da relacionalidade, ou vincularidade, indica que a existência de cada ser se constitui em relação orgânica com todos os seres da natureza. O princípio da complementaridade entende que as relações entre todos os seres da natureza se constituem por polaridades, que implicam a complementaridade entre os opostos. O princípio da reciprocidade implica que a cada ação corresponde uma reação, requerendo a busca do equilíbrio nas relações entre os opostos/complementares, capaz de manter o fluxo vital entre diferentes seres da natureza. Assim, o oferecer e o agradecer são dispositivos socioculturais essenciais para manter o equilíbrio e a redistribuição de todos os bens, segundo as necessidades e os propósitos de cada ser na sua singularidade. Por fim, o princípio da integralidade indica que cada um de nós interage com os outros numa perspectiva de complementaridade e de reciprocidade, porque estamos conectados a todos os seres da natureza, segundo estruturas de conexão comparadas, em todas as dimensões do universo.

Em suma, as cosmovisões de povos originários ancestrais nos ensinam a viver e a conviver em plenitude, de forma a promover relações e contextos de harmonia,

potencializando relações integrais, correspondentes aos princípios cosmológicos, mediante a ativação da complementaridade e reciprocidade entre todos os seres vivos – humanos, naturais e espirituais.

Viver em Plenitude: objetivo e metodologia reexistencial

O presente estudo orienta-se pelo entendimento de “problema” como “necessidade” constituída pelas contradições – que incluem conexões de oposição e composição, bem como de reciprocidade, proporcionalidade, correspondência e complementaridade – entre diferentes contextos socioambientais, que mobilizam os sujeitos a promover processos de mudanças conjunturais e transformações estruturais constitutivas destes contextos.

Nesta perspectiva, o empoderamento dos processos de resistência e reexistência das sociedades e culturas originárias constitui problema ao contrapor seus sistemas-mundos tradicionais ancestrais ao sistema-mundo moderno/colonial. Assim, os modelos neocoloniais de Estado-Nação e do modo de produção capitalista, que se pretendem globalizantes, são radicalmente contestados por processos de reexistência de culturas e povos originários ancestrais decoloniais.

Grande parte dos povos originários se consideram guardiães da natureza, de culturas ancestrais portadoras de modos de vida e de produção sustentáveis. Defendem suas culturas e territórios como alternativas reais e atuais – não apenas passadas ou possíveis, mas presentes e potentes – ao sistema-mundo moderno/colonial capitalista.

Com efeito, os modos de vida e de produção dos povos originários ancestrais promovem relações de equilíbrio entre os seres da natureza, ao enfatizar a complementaridade e reciprocidade entre os diferentes, bem como a comparação e a integração de cada ser ou comunidade singular com as estruturas vitais cosmológicas. E denunciam a degradação inerente ao sistema-mundo colonial capitalista por se erigir mediante a exploração predatória da força de trabalho (a qual é condicionada a coletivamente produzir riquezas, que a economia capitalista de mercado se apropria e acumula privadamente) e da natureza (mediante a extração desenfreada de seus recursos, sem respeito a seus processos de vida e de regeneração). A lógica capitalista de exploração predatória da força de trabalho e dos recursos naturais de que dependem para produzir e acumular riquezas torna-a sistemicamente insustentável.

Os processos de reexistência de movimentos populares ancorados em culturas ancestrais agudizam a crise global do sistema-mundo colonial, colocando a necessidade de recriação de processos e estruturas socioculturais que garantam a sustentabilidade da vida planetária. Nesta perspectiva, as propostas, concepções e práticas educacionais emergentes na práxis de movimentos populares de origens ancestrais apresentam potencialidades de gerar vida e convivência em plenitude, como alternativa e resistência à degradação social e ambiental produzida pelo sistema-mundo colonial-capitalista!

A pergunta *por que e como educar para viver em plenitude* no contexto sociocultural-ambiental contemporâneo, problematiza a relação complexa entre modernidade e ancestralidade ou, especificamente, entre a colonialidade e o Bem Viver. O entendimento e o enfrentamento desta contradição requer que a educação e pesquisa intercultural crítica trabalhe com a contextualização, com a reciprocidade, com a multidimensionalidade das relações existenciais e transculturais. Neste sentido, os princípios do Bem Viver, cultivados nos modos de vida dos povos originários de Abya Yala, permitem entender que interagir com o outro não se resume a interagir com as pessoas humanas, ou com os grupos sociais e suas instituições econômico-políticas: é interagir com o seus mundos, seus contextos, seus territórios, suas histórias, seus ancestrais, enfim, com os contextos ecológicos e cosmológicos de toda a natureza.

O que estamos aprendendo com os povos originários

Considerando as lutas dos povos originários em sua complexidade e polissemia histórica como processos de reexistência, somos interpelados a entender as estratégias decoloniais ancoradas nas ancestralidades e no Bem Viver, que vêm sendo construídas com o protagonismo destes povos e de seus múltiplos e heterogêneos movimentos socioculturais, em contradição com as cosmovisões coloniais hegemônicas no mundo contemporâneo.

Ao buscar aprender com os povos originários do Sul a decolonizar a educação, trabalhamos com a hipótese de que as teorias de educadores, como Paulo Freire, incorporaram perspectivas epistemológicas das culturas dos povos ancestrais da América Latina, desenvolvendo-as à luz de referências culturais de teorias críticas ocidentais. Assim, buscamos reconhecer os princípios do Bem Viver na metodologia didática dialógica freiriana.

Com efeito, Paulo Freire (1975) propõe a prática educativa baseada na cooperação e reciprocidade entre educadores e educandos, favorecendo uma atmosfera de aceitação mútua, respeito, compreensão e comunicação entre diferentes sujeitos, na busca de compreensão e transformação dos contextos socioculturais e ambientais em que se constituem.

Por outro lado, desde o ponto de vista dos princípios cultivados pelas culturas ancestrais de Abya Yala, somos convidados a reconfigurar a pedagogia crítica freiriana.

O desafio que emergiu com muita potência é o de se complexificar as dimensões e os significados políticos das práticas educacionais. Com efeito, a educação entendida como processo dialógico de problematização e transformação das relações socioculturais desiguais e injustas, apresenta-se como um instrumento de luta política dos grupos sociais e étnicos subalternizados ou excluídos no processo de colonização e de globalização do sistema-mundo capitalista. Mas as lutas sociopolíticas conduzidas protagonicamente pelos povos ancestrais radicalizam os projetos de transformação social e política para além dos limites do Estado-Nação e do antropocentrismo, criando perspectivas de organização política que sustentem as diferenças culturais e socioambientais, bem como os direitos da natureza.

Na perspectiva de relação de complementaridade, reciprocidade e de integração comunitária entre todos os seres que constituem a Mãe Terra, se constituem as dimensões da educação comunitária dos seres humanos para o Bem Viver, que é permanente, circular, cíclica, natural, produtiva e intercultural (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 65-70). Assim, as concepções educacionais das culturas ancestrais não se reduzem ao âmbito da educação escolar, nem mesmo à dimensão econômico-política das práticas de educação popular conduzidas por movimentos sociais que atuam prioritariamente dentro do quadro do Estado-Nação e da economia capitalista. Os princípios comunitários e integrais da educação conduzida por povos originários problematizam radicalmente as concepções de mundo e de educação moderno/coloniais, ao assumir que as lutas cotidianas e coletivas por mudanças nos aparelhos estatais e econômicos hegemônicos adquirem significados radicais na medida em que promovam a convivência comunitária e sustentável de todos os seres humanos com todos os seres que constituem a Mãe Natureza.

Neste sentido, as metodologias educacionais são ressignificadas. Por exemplo, na proposta pedagógica de Paulo Freire, os “círculos de cultura” apresentam-se como uma estratégia educacional para favorecer o diálogo na comunidade sobre as contradições que enfrentam em seu contexto social, de modo a promover a organização política para superá-las. Nesta direção, com as culturas ancestrais, aprendemos que as lutas sociais e políticas não se restringem a mudanças no âmbito do sistema-mundo moderno/colonial, mas se busca reconstruir as relações sociais na perspectiva inter-transcultural (GAUTHIER, 2011) e transmoderno (DUSSEL, 2017, p. 29).

Por conseguinte, o diálogo problematizador a partir dos “temas geradores” pode ultrapassar o enfoque econômico-político dos processos de opressão e dominação, questionando seus fundamentos epistêmicos moderno/coloniais.

Assim, para além de tematizar desafios da prática social para mobilizar lutas coletivas, os processos educacionais se tornam significativos na medida em que, enraizados nos princípios ancestrais de vida em comunidade e em harmonia com a natureza, mobilizem as pessoas e as comunidades a “gerar vida em plenitude”.

Mediante o diálogo crítico entre as culturas ancestrais, não apenas as pessoas “se educam em comunhão, mediatizadas pelo mundo” (FREIRE, 1975, p. 79) mas também os povos e suas culturas se transformam, se educam, mediante as relações entre as pessoas e com todos os seres naturais, ancestrais e potenciais. Esta dimensão da “integralidade” de nossas relações vitais com todos os seres da Natureza, que supera a dimensão em que se constituem as concepções dicotômicas, lineares, sequenciais e progressivas: é o que estamos aprendendo com os movimentos populares enraizados em culturas de Abya Yala.

As práticas educacionais cotidianas, pois, se enraízam e se nutrem pela presentificação das relações vitais com os ancestrais que nos geraram, bem como com os seres e as estruturas de conexão que estamos gerando e cultivando em todos os contextos e momentos de vida em

plenitude.

Referências

DUSSEL, Enrique. **Filosofías del Sur**: descolonización y transmodernidad. Ciudad de México: AKAL, 2017.

EATON, George. Noam Chomsky: the world is at the most dangerous moment in human history, **New Statesman**, 17 Set. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GAUTHIER, Jacques. Demorei tanto para chegar... - ou: nos vales da epistemologia transcultural da vacuidade. **Tellus**, Campo Grande, ano 11, n. 20, p. 39-67, jan./jun. 2011.

HUANACUNI MAMANI, Fernando. **Buen Vivir/Vivir Bien**: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Lima: Coordinadora Andina de Organizaciones, 2010.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a Cultura do Bem Viver**. Organizador Bruno Maia. Sl: Cultura do Bem Viver, 2020.

MACAS, Luis. “El *Sumak Kawsay*”. In: HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; GARCÍA, Alejandro Guillén; GUAZHA, Nancy Deleg (ed.). **Sumak Kawsay Yuyay**: antología del pensamiento indigenista ecuatoriano sobre Sumak Kawsay. Huelva; Cuenca: FIUCUHU, 2014. p. 179-192.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, sociedad**: luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simon Bolívar: Abya Yala, 2009.